

Regional

FUGITIVO ALEMÃO

Soldado nazista viveu em Pancas

História de Max Stenzler, um alemão fugitivo da guerra, ainda desperta medo e curiosidade em Pancas, no Noroeste do Estado

Nilo Tardin
PANCAS

Um soldado alemão fugitivo de guerra viveu escondido durante décadas no meio da mata fechada no alto das montanhas da cidade de Pancas e virou lenda no Noroeste do Espírito Santo.

Ele era temido pela maneira estranha como levava a vida.

Dono de cultura refinada, mas de hábitos esquisitos – como se enterrar na lama e comer carne crua ou apodrecida –, a história real do soldado alemão Max Stenzler ainda hoje desperta medo e curiosidade na região.

Sobrevivente dos horrores da I Guerra Mundial, Max teria combatido nas trincheiras alemãs e aportado no majestoso Vale Pancas nos anos de 1920, relembra o pedreiro Florêncio Romais, de 81 anos.

“Ninguém sabia nada a seu respeito. Quando notava a aproximação de pessoas no seu esconderijo, fugia se embrenhava no mato. Era inteligente e letrado. Não se misturava com os demais moradores na vila de Pancas, que na época pertencia à Colatina”, disse Florêncio.

Segundo ele, a fama de colaborador nazista contribuiu para aumentar o mistério em torno da figura magra a atarracada de Max



FLORÊNCIO ROMAIS, de 81 anos: “A cruz suástica era estampada em tudo que escrevia ou desenhava”

Stenzler. “A cruz suástica era estampada em tudo que escrevia ou desenhava”, contou Florêncio.

Ele recorda que Max Stenzler fez o primeiro sepultamento em Pancas, ao ler textos da Bíblia Lu-

“Ele vivia como se ainda estivesse em combate numa trincheira da guerra”

Juliberto Stur, produtor rural

terana em alemão clássico.

A rústica moradia de tijolo cru e coberta de tabuinhas no alto de uma pedreira de 780 metros de altitude no Córrego das Pedras, a 7 km do centro de Pancas, não existe mais. Apenas pedras da base da casa onde viveu estão no lugar.

Atual dono das terras compradas pelo soldado alemão de seu pai Artur, o produtor rural Juliberto Stur, 63 anos, não chegou a conhecer Max Stenzler, mas os relatos de que ali viveu um criminoso de guerra ficaram marcados na sua mente.

“Meu pai era o único amigo dele.

Contava que cansou de ver Stenzler cortar e comer carne de mula pendurada no fumeiro em estado de apodrecimento. Ele vivia como se ainda estivesse em combate numa trincheira da guerra”, recordou Juliberto.

Anotações nos cantos das páginas amareladas de um livro de capa vermelha escrito em alemão gótico reforça a tese de envolvimento do soldado alemão com o Partido Nazista no Brasil, diz o agrônomo Marcos Stur, 32 anos, filho de Juliberto que chegou a ver o livro presenteado pelo soldado fugitivo ao seu avô Artur.

SOBRE O SOLDADO

REPRODUÇÃO



MAX STENZLER, o fugitivo alemão



PONTÕES Capixabas: esconderijo



PEDRAS que restaram da casa

Cometeu crime por amor

A bela caligrafia no estilo rebuscado e a proeza de falar fluentemente sete idiomas era a marca registrada do soldado Max Stenzler

Além do alemão clássico, falava com sotaque carregado o português, francês, espanhol, latim, italiano e inglês, garante o fazendeiro Frederico Carlos Ortlieb, 83 anos, que conviveu com o soldado Stenzler na juventude.

Frederico Ortlieb lembra bem o dia em que o soldado foragido da Alemanha chegou à margem direita do Rio Doce, em Itueta, Minas Gerais, onde passou o final da vida.

“A pena de deserção na Alemanha nazista era a morte por fuzilamento. Por isso, ele vivia arredio e refugiado na floresta. Era exímio nadador e não dava conversa a ninguém”, disse Ortlieb.

De acordo com ele, Stenzler foi acusado pela polícia de cometer dois assassinatos em Pancas. A de um velho conhecido como Kaiser, para ficar com a mulher dele, e da menina adolescente filha do casal, a golpes de facão.

“Ele chegou a confessar ao meu

pai que matou e enterrou os corpos no chão da cozinha da casa”, disse. Preso, o alemão teria escrito uma carta com o próprio sangue ao presidente Getúlio Vargas.

“Quando ia escoltado pela polícia a pé até a cadeia de Colatina, Stenzler tentou escapar a nado pulou da ponte Florentino Avidos no Rio Doce. Foi recapturado. A soltura da prisão foi feita de imediato por oficiais fardados do Exército Brasileiro na época”, disse Ortlieb.



FREDERICO: “Ele vivia arredio”

Livro provaria ligação com nazismo

Uma obra impressa em letras góticas, tipo manuscrito, de capa vermelha, seria a prova de que o soldado Max Stenzler combatente da I Guerra aderiu ao nazismo e foi perdoado pelo governo alemão na década de 1960.

O pastor luterano Rubens Stuhr, 49, diz ter visto o livro em Pancas durante uma pesquisa sobre a origem da família Stuhr no Estado.

“Na verdade, era um raro exemplar do livro escrito por Hitler, Mein Kampf, com anotações nas bordas. Foi escrito num alemão diferente que não consegui ler direito. Com certeza, era um dos primeiros exemplares do livro de Hitler”, disse Rubens.

De acordo com o sobrinho de Rubens, Marcos Stur, o exemplar sumiu da casa do seu avô logo depois de sua morte.

“A suspeita é de que tenha sido levado para a Europa e vendido por uma fortuna”, disse Marcos.

Segundo ele, a lenda diz que Max sumia por meses e voltava bem vestido e com boa aparência.

“Sabe-se que chegou a dar aulas de alemão na nascente comunidade de Pancas. Era respeitado pela cultura. Dizem que vivia em casa rodeado de livros e jornais da época”, disse.

Depois de cometer os crimes em Pancas, Stenzler teria vendido as terras por “dez mil contos de réis” e foi parar em Itueta. Como?

“Aqui havia uma forte colônia alemã luterana como em Pancas.

Pediu asilo ao meu pai, que o deixou ficar. Conseguimos que o governo alemão desse uma pensão a ele. Seus últimos dias foram em Itueta, perto dos 100 anos”, lembrou o fazendeiro Frederico Ortlieb.

Ele foi o autor da única foto do fugitivo alemão, que viveu na região do atual monumento do Parque Nacional dos Pontões Capixabas.

MARCOS STUR diz que livro teria sido levado para a Europa para ser vendido

